

## **Decolonialidade Quadrinística e Educação Ambiental: analisando a colonialidade do viver em Contos dos Orixás**

### **Quadrinistic Decoloniality and Environmental Education: analyzing the coloniality of living in Contos dos Orixás**

### **Descolonialidad cuadrinística y educación ambiental: analizando la colonialidad de vivir en Contos dos Orixás**

Kassiano Ferreira<sup>1</sup>  
Patricia Montanari Giraldi<sup>2</sup>

#### **Resumo**

As Histórias em Quadrinhos (HQs) são detentoras de uma linguagem que combina textos e imagens as HQs possibilitam novas discussões e ampliação de compreensões sobre temáticas diversas. A discussão apresentada nesse texto, relaciona quadrinhos com as teorias decoloniais, para discutir temáticas voltadas às relações entre humano-natureza. A decolonialidade questiona a estrutura de dominação provinda da colonialidade, e propõe mudanças ao partir da perspectiva do subalterno. Objetivando demonstrar como a Decolonialidade Quadrinística pode contribuir para novas discussões para o campo da Educação Ambiental, é realizada uma análise da HQ Contos dos Orixás, de Hugo Canuto. Com o aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso franco-brasileira, a obra é analisada, apontando sobre possibilidades de haver uma vivência harmônica e não-exploratória da natureza, entendendo a humanidade como uma parte do ambiente e como as relações espirituais e mágicas que povos tradicionais possuem, reforçam esse modo de viver.

Palavras Chaves: Histórias em Quadrinhos. Decolonialidade Quadrinística. Educação em Ciências. Educação Ambiental.

#### **Abstract**

Comic Books (HQs) have a language that combines texts and images, HQs allow for new discussions and broadening of understandings on different topics. The discussion presented in this text, relates comics to decolonial theories, to discuss themes related to the relationship between human-nature. Decoloniality questions the domination structure stemming from coloniality, and proposes changes from the perspective of the subordinate. In order to demonstrate how Quadrinistic Decoloniality can contribute to new discussions in the field of Environmental Education, an analysis of HQ Contos dos Orixás, by Hugo Canuto, is carried out. With the theoretical-methodological contribution of the Franco-Brazilian Discourse Analysis, the work is analyzed, pointing to possibilities of having a harmonious and non-exploratory experience of nature, understanding humanity as a part of the environment and as the spiritual and magical relationships that traditional peoples have, reinforce this way of living.

Keywords: Comics. Quadrinistic Decoloniality. Science Education. Environmental education.

#### **Resumen**

Los cómics (HQ) tienen un lenguaje que combina textos e imágenes, los HQ permiten nuevas discusiones y una mayor comprensión sobre diferentes temas. La discusión que se presenta en este texto, relaciona el cómic con las teorías descoloniales, para discutir temas relacionados con la relación humano-naturaleza. La descolonialidad cuestiona la estructura de dominación que surge de la colonialidad y propone cambios desde la perspectiva del subordinado. Con el fin de demostrar cómo la Descolonialidad Cuadrinística puede contribuir a nuevas discusiones en el campo de la Educación Ambiental, se realiza un análisis de HQ Contos dos Orixás, de Hugo Canuto. Con el aporte teórico-metodológico del Análisis del Discurso Franco-Brasileño, se analiza el trabajo, apuntando las posibilidades de tener una experiencia armónica y no exploratoria de la naturaleza, entendiendo a la humanidad como parte del entorno y como las relaciones espirituales y mágicas que los pueblos

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina.

tradicionales refuerzan esta forma de vida.

Palabras Clave: Cómics. Descolonialidad cuadrinística. Enseñanza de las ciencias. Educación ambiental.

### *Introdução*

As Histórias em Quadrinhos (HQs) são uma forma de entretenimento, que possuem uma linguagem constituída por uma narrativa em quadros sequenciais que combinam imagens e textos, para a produção de sentidos (SILVA, 2001). Além do entretenimento, as HQs adentraram o campo da Educação, estando desde o material didático até as pesquisas acadêmicas. E dentro da grande abrangência de áreas de estudo que um quadrinho pode estar presente, está a Educação Ambiental. Essa relação entre quadrinhos e a discussão da questão ambiental é o foco desse artigo.

Segundo Layrargues e Lima (2011) a Educação Ambiental “[...] estruturou-se como fruto de uma demanda para que o ser humano adotasse uma visão de mundo e uma prática social capazes de minimizar os impactos ambientais então prevaletentes.” (p. 5). Assim surge um ideal de educação para que se forme cidadãos que entendam a importância da preservação ambiental e encontrem um equilíbrio entre esse movimento e as exigências do mercado capitalista. Os autores explicitam a dinâmica da Educação Ambiental, do seu surgimento aos dias atuais, mostrando como as leituras e discussões diversificaram o campo e criam três macro-tendências: a conservadora, a pragmática e a crítica.

Das três, é com a crítica que há um alinhamento nesse texto. Isso porque

A vertente crítica, por sua vez, aglutina as correntes da Educação Ambiental Popular, Emancipatória, Transformadora e no Processo de Gestão Ambiental. Apoiar-se com ênfase na revisão crítica dos fundamentos que proporcionam a dominação do ser humano e dos mecanismos de acumulação do Capital, buscando o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental. Todas essas correntes, com algumas variações, se constroem em oposição às tendências conservadoras e comportamentais analisadas, procurando contextualizar e politizar o debate ambiental, articular as diversas dimensões da sustentabilidade e problematizar as contradições dos modelos de desenvolvimento e de sociedade que experimentamos local e globalmente. (LAYRARGUES E LIMA, 2011, p. 11)

Claramente a vertente crítica da Educação Ambiental tem uma maior preocupação com a relação ambiente-sociedade, em um sentido de transformação emancipatória, ao incluir no seu escopo questões sociais provindas de dominações econômicas, políticas, sociais e raciais. Essa relação e as discussões inclusas dialogam com as teorias da decolonialidade, que constitui o principal aporte teórico aqui apresentado. A perspectiva decolonial apresenta um processo de reconhecimento de outras histórias e formatos de presença no mundo, além da crítica à lógica racionalista estabelecida pelo capitalismo contemporâneo (ACHINTE, 2013), permitindo a construção de práticas e teorias a partir da perspectiva do subalternizado.

Unindo as teorias decoloniais com a vertente crítica, aqui é proposto uma forma de olhar para HQs, pensando na Educação Ambiental, através da análise de uma HQ nacional chamada *Contos dos Orixás*<sup>3</sup>, e assim apresentar uma discussão sobre a possibilidade de incluir no processo educativo outras epistemologias e formas de entender e se relacionar com a natureza.

Em um primeiro momento, é explicitado sobre as teorias decoloniais. Em seguida é apresentado o aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso que embasa as análises feitas, bem como nossa compreensão sobre leitura e seu papel em processos de ensino. Na sequência é apresentada a HQ analisada e os resultados de suas análises. Por fim

<sup>3</sup> CANUTO, Hugo. *Contos dos Orixás*. 1ª ed. Salvador, BA: Selo independente, 2018.

apresentamos as conclusões a que esses entrelaçamentos levam.

### **Decolonialidade e a colonialidade do viver**

Para entender do que se trata quando falamos em decolonialidade é necessário entender que existe até os dias atuais uma colonialidade presente em vários eixos da sociedade, que hegemoniza determinados padrões e conhecimentos enquanto torna outros invisíveis. Ou seja, a colonialidade e seus efeitos não chegaram ao fim juntamente com o fim do período colonial. Os efeitos desse processo colonizador estão fortemente enraizados em diversos âmbitos da nossa sociedade e cultura.

Mas o que seria a colonialidade? A colonialidade

consolida um padrão de poder que não se restringe às relações formais de dominação de um povo sobre outro como ocorrera no início do colonialismo, mas intenciona firmar os pilares da racialização e da racionalização ao estabelecer e universalizar a hierarquização dos sujeitos, dos conhecimentos e das relações de trabalho para responder ao mercado capitalista. (SILVA, FERREIRA E SILVA, 2013, p. 254-255)

Assim a colonialidade naturaliza “[...] a subalternização epistêmica do outro não europeu e a própria negação e esquecimentos de processos históricos não europeus.” (OLIVEIRA E CANDAU, 2013, p. 279, tradução nossa). O europeu passa a ser o modelo perfeito, seja em questões de raça, episteme, modelo de sociedade e crenças. Isso é concordante com o que Freire (1983) trata sobre invasão cultural:

Toda invasão sugere, obviamente, um sujeito que invade. Seu espaço histórico-cultural, que lhe dá sua visão de mundo, é o espaço de onde ele parte para penetrar outro espaço histórico-cultural, superpondo aos indivíduos deste seu sistema de valores. O invasor reduz os homens do espaço invadido a meros objetivos de sua ação. As relações entre invasor e invadidos, que são relações autoritárias, situam seus polos em posições antagônicas. O primeiro atua, os segundos têm a ilusão de que atuam na atuação do primeiro; este diz a palavra, os segundos, proibidos de dizer a sua, escutam a palavra do primeiro. O invasor pensa, na melhor das hipóteses, sobre os segundos, jamais com eles; estes são “pensados” por aqueles. O invasor prescreve; os invadidos são pacientes da prescrição. (FREIRE, 1983, p. 26-27)

Essa invasão cultural, explícita por Freire (1983), demonstra exatamente como se configura a colonialidade, indo de um processo de invasão muito além do territorial, mas sim um apagamento de histórias, conhecimentos e culturas.

Ao discutir a constituição dos eixos da colonialidade, Walsh (2008), retoma a conceituação apresentada por Quijano e Maldonado-Torres, segundo a qual a colonialidade é constituída pelos eixos: poder, saber e ser.

O primeiro eixo, o da colonialidade do poder, cria uma hierarquia social, racial e sexual, criando assim indivíduos superiores e indivíduos inferiores (WALSH, 2008). Coloca-se como padrão de superioridade o homem, o branco, e os povos europeus, ou até uma combinação dos três (o homem branco europeu). Isso faz com que indígenas, negros, mestiços, povos não-europeus e mulheres estejam em categorias inferiores. Outro fato importante é que os Estados Unidos aderem ao modelo de superioridade europeia, via colonialidade, tornando-se assim como uma nação que mantém, consolida e fortalece a colonialidade do poder, há muito tempo estabelecida.

Já o segundo eixo é a colonialidade do saber, que estabelece “o posicionamento do eurocentrismo como a perspectiva única do conhecimento, o que descarta a existência e viabilidade de outras racionalidades epistêmicas e outros conhecimentos que não são os dos homens brancos europeus ou europeizados.” (WALSH, 2008, p. 137, tradução nossa). É

no sistema educativo que essa colonialidade evidencia-se, pelo ensino ser pautado basicamente e unicamente nas epistemologias europeias.

Essa racionalidade científica dominante faz com que conhecimentos e racionalidades, que já existiam em populações ancestrais, sejam classificados apenas como mitos, lendas ou rituais, algo inferior que não pode estar presente na racionalidade da ciência europeia. Assim “[...] com um golpe mágico de poder, conhecimentos e experiências existentes do outro lado da linha transformaram-se em saberes locais, tradicionais, circunscritos.” (MENESES, 2014, p. 92)

Esses conhecimentos tornam-se “saberes inferiores exclusivos de seres inferiores, sem interesse para a ciência a não ser na qualidade de matéria-prima, dados ou informações” (MENESES, 2014, p. 92). Por mais que pareça um fato que ocorreu em um passado distante, isso ainda pode ser visto em épocas atuais. Não é difícil encontrar e ver notícias sobre substâncias que são patenteadas por grandes empresas, mas que algumas comunidades já utilizavam dessas mesmas substâncias há várias gerações.

A colonialidade do ser, o terceiro eixo, inferioriza, subalterniza e desumaniza. A partir da ideia de racionalidade formal, estabelece que os seus seguidores são mais humanos do que os que não seguem (WALSH, 2008), “[...] historicamente fazendo que os povos e comunidades indígenas apareçam como os bárbaros, não-modernos e não-civilizados, e os povos e comunidades negras [...] como não existente ou, no melhor dos casos, extensão dos indígenas.” (p. 138, tradução nossa). Essa colonialidade perpetua-se através da racionalização e da racialização, tirando a condição de humano em todos que fogem dos padrões do norte global, definido pela geopolítica.

Além dos eixos descritos, Walsh (2008 e 2009) propõe um quarto eixo: a colonialidade do viver. Para a autora ele está ligado com a relação entre vida, mágico, social e espiritual (WALSH, 2008; WALSH, 2009). O que esse eixo trata é de como a relação entre esses quatro elementos é invisibilizada e excluída, como algo que não tem relevância e não deve ser conhecido. Obviamente, isso afeta de modo mais efetivo as populações indígenas e negras. Essa colonialidade:

É aquela que fixa a distinção binária cartesiana entre homem / natureza, categorizando como relações não-modernas, “primitivas” e “pagãs” as relações espirituais e sagradas que conectam os mundos acima e abaixo, com a terra e com os ancestrais como seres vivos. Desta forma, tenta minar as cosmovisões, filosofias, religiosidades, princípios e sistemas de vida, isto é, a continuidade civilizatória das comunidades indígenas e da diáspora africana. (WALSH, 2009, p. 03)

Porém, apesar de não seguir o sistema cartesiano de mundo, esses pensamentos ancestrais e mesmo mágicos não podem ser considerados ilógicos, pois possuem uma lógica própria, que os leva a uma maneira particular de atuar, além de ter sua própria forma de linguagem (FREIRE, 1983). Mesmo assim, o domínio da racionalidade científica, nega as raízes ancestrais, e separa o ser humano da natureza, justificando a exploração desenfreada dos recursos naturais, pensando apenas pelas lógicas do comércio e capitalismo.

A partir do entendimento desses eixos que surge a ideia de Decolonialidade que propõe formas de romper com a colonialidade, compreendendo como ela ainda é uma força presente no mundo diferindo assim da ideia de DEScolonialidade, que teria um papel apenas de denúncia (OLIVEIRA, 2016). E por mais que a denúncia tenha seu papel importante, é realmente necessário fazer proposições, teóricas e práticas, para romper com a colonialidade.

Com a perspectiva decolonial se tem um processo de reconhecimento de outras histórias e formatos de presença no mundo, além da lógica racionalista estabelecida pelo capitalismo contemporâneo (ACHINTE, 2013). Assim, buscaram-se formas de romper com os eixos da colonialidade anteriormente citados, humanizando e dando a devida existência e

importância para aqueles que foram subalternizados pelo projeto hegemônico colonial (ACHINTE, 2013). A decolonialidade:

Permite considerar a construção de novos marcos epistemológicos que pluralizam, problematizam e desafiam a noção e um pensamento e conhecimento totalitário, único e universal de uma postura política e ética, que sempre mantém como presente as relações de poder e a que este conhecimento foi submetido. Assim alimenta novos processos, práticas e estratégias de intervenção intelectual, que poderiam incluir, entre outras, a revitalização, reavaliação e aplicação dos saberes ancestrais, mas não como algo ligado a uma localidade e tempo do passado, mas como conhecimentos que tem contemporaneidade para ler criticamente o mundo, e para compreender, (re)aprender e atuar no presente. (WALSH, 2009, p. 12-13, tradução nossa)

A partir desse entendimento de decolonialidade é possível definir o que é a Decolonialidade Quadrinística. Essa é uma materialização das teorias decoloniais nas HQs, seja na obra completa, abarcando nisso a sua ideia básica até toda a produção, ou ainda HQs que contenham alguma discussão relativa a decolonialidade em alguma de suas partes. A Decolonialidade Quadrinística também pode ser entendida como uma forma de Pedagogia Decolonial (WALSH, 2009), isso porque tais Pedagogias envolvem construir teorias e práticas a partir dos subalternizados, e quando HQs com essas discussões são levadas para a Educação permitem a entrada dessas novas epistemes no campo educacional. Partindo desse entendimento da Decolonialidade Quadrinística que são feitas as análises aqui presentes.

#### *Análise de Discurso como referencial teórico-metodológico*

Como uma forma de olhar para a HQ, em uma perspectiva decolonial nos aproximamos da Análise de Discurso franco-brasileira como um referencial teórico-metodológico. Isso porque há uma apropriação de elementos dessa teoria para entender os discursos presentes no quadrinho.

O principal interesse de estudo da AD, é o discurso, como seu próprio nome remete. Porém o discurso não é algo que ocorre apenas de forma oral, como muitas vezes é associado aos discursos políticos. Ele ocorre de várias formas como por exemplo, de forma escrita, nos mais diversos gêneros literários, em imagens, músicas, conversas cotidianas e também as HQs. Além disso a AD não entende o discurso no modelo de comunicação com emissor, mensagem e receptor (ORLANDI, 2009), e sim um efeito de sentidos, que ocorre simultaneamente, entre interlocutores.

Na AD se fala sobre produções de sentidos pois não existe apenas um sentido possível para os textos. Como afirmado por Orlandi (1996) o sentido não é preso nas palavras, ele é produzido através das interpretações do sujeito, ideologicamente e historicamente levado a isso. É o que se considera como não-transparência da linguagem (ORLANDI, 2009). Então, por não haverem sentidos colados nos termos, torna-se possível tanto a multiplicidade de sentidos, a chamada polissemia, quanto sentido coincidentes, ou seja, a paráfrase. O jogo entre essas duas naturezas, traz o funcionamento da linguagem, permitindo essa configuração de muitos sentidos, até para sujeitos que vivem na mesma imersão cultural (CASSIANI, GIRALDI E VON LINSINGEN, 2012).

Os autores chamam atenção para um fenômeno ligado à compreensão de transparência da linguagem ao apontarem que considerar um discurso como “[...] independente de quem fala e do momento histórico em que está inserida, com um único sentido possível do conteúdo específico imaginado e sem produção de efeitos de sentidos outros [...]” (CASSIANI, GIRALDI E LINSINGEN, 2012, p. 47), acaba gerando silêncios e silenciamentos.

Apesar das palavras serem semelhantes – os silêncios e os silenciamentos – existe uma diferença entre as duas. Segundo Orlandi (2009) existe o silêncio fundador que é um recuo



para que se possa construir os sentidos, indicando espaços entre as palavras e que é impossível dizer tudo, portanto sempre pode haver outro sentido. E existe o silenciamento, que também é chamado de política do silêncio. Esse silenciamento divide-se em silêncio constitutivo, onde uma palavra apaga a outra e, o silêncio local, que nada mais é que a censura, que em determinadas conjunturas proíbe dizeres. “As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras.” (ORLANDI, 2009, p. 83).

Apesar desses elementos constituírem a produção dos discursos, os sentidos em cada discurso já são pré-construídos e residem na memória do sujeito, que desconhece completamente sua origem. Esse discurso memorial é o interdiscurso (ORLANDI, 2009). “Em sua definição, o interdiscurso é o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer.” (ORLANDI, 2008, p. 19). Com a ilusão de ser origem de seu discurso, o sujeito o faz sem se dar conta que cada discurso remete a outro, estando assim inserido em uma rede discursiva, que coordena esses sentidos e discursos. Isso faz com que não haja um fechamento do discurso em si próprio.

### *Condições de Produção*

Para poder analisar as HQs, usando tanto perspectivas decoloniais quanto da AD franco-brasileira, primeiramente é preciso elucidar as condições de produção desses quadrinhos.

A ideia de condições de produção “substituiu a noção muito vaga de ‘circunstâncias’ nas quais um discurso é produzido, para explicitar que se trata de estudar nesse contexto o que condiciona o discurso.” (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2008, p. 114, grifo dos autores). Segundo Orlandi (2009) as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso.” (p. 30). Isso se relaciona com as ideias da AD anteriormente discutidas, sobre ideologia, historicidade e interdiscurso.

A autora ainda fala sobre os dois sentidos que são possíveis de existir nas condições de produção. “Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.” (ORLANDI, 2009, p. 30). Então é notável como as condições de produção buscam compreender os elementos que levam a produção de determinado discurso, para entender como os sentidos são produzidos nele.

A HQ Contos dos Orixás, foi publicada em 2018. Uma primeira ação que deu origem a essa HQ, foi a reformulação de capas de quadrinhos de super-heróis dos EUA, colocando os Orixás nelas (Figura 1). Essa ação foi uma homenagem ao quadrinista Jack Kirby e rendeu 17 ilustrações, publicadas posteriormente em um artbook (CANUTO, 2018).

Figura 1: Capa de Contos dos Orixás e versão com Orixás de capa de outra HQ



Fonte: Canuto (2018)

Após isso o autor construiu a HQ do Contos dos Orixás, na qual uniu a paixão que tinha pelos quadrinhos com o legado das civilizações africanas, muito visível na Bahia, local de origem do autor. Para construir tanto o enredo quanto os personagens, Canuto realizou uma vasta pesquisa sobre a cultura Yorubá. Além das leituras, houve consulta e conversas com várias pessoas, desde acadêmicos até sacerdotes (CANUTO, 2018).

A construção do Contos dos Orixás é uma forma que o autor encontrou de exaltar e mostrar a cultura Yorubá, assim como suas raízes e influências na formação da sociedade brasileira, e que ainda sofre muito preconceito. A perspectiva decolonial é algo presente na fala do autor, em entrevista concedida<sup>4</sup>, mostrando a sua preocupação em exaltar e desmistificar tal cultura.

A inspiração por trás da criação dos personagens envolve toda a pesquisa que o autor fez para ter conhecimento sobre os Yorubás, podendo assim desenvolver o enredo, os personagens, o cenário e a caracterização, como deixa claro, nos anexos da HQ: “Tanto a indumentária quanto as marcas faciais, chamadas Ilás, são parte de uma longa tradição e distinguem os povos e reinos Yorubás.” (CANUTO, 2018, p. 104). Além disso para a criação dos personagens, Hugo Canuto considerou o seu cotidiano:

Busquei representar pessoas reais através dos rostos e personagens, muitos deles de homens e mulheres que retratei ao vivo nas ruas de Salvador, gerando algumas boas amizades, seja durante as celebrações do 02 de fevereiro, em honra à Yemanjá, seja nos terreiros e suas festividades para os Orixás, tão comuns ao povo da Bahia. Para eles, verdadeiros heróis do cotidiano, minha homenagem e profunda gratidão. (CANUTO, 2018, p. 104)

É notável o envolvimento do autor com todos esses elementos, para então criar a sua obra. Diferindo da outra HQ, e por causa de toda a pesquisa e influências que teve, a narrativa de Canuto, segue menos o estereótipo de super-heróis: uniformes coloridos, identidade secreta e superpoderes, apesar de alguns estarem presentes.

As condições de produção dessa HQ podem ser resumidas nos seguintes pontos, também separadas por sentidos estritos e amplos:

a) estritos:

- Anseio por mostrar a cultura local;
- Releitura de personagens existentes;

b) amplos:

- Trabalhos anteriores;
- Imersão na cultura Yorubá;
- Perspectiva decolonial.

Para as análises, além de conhecer as Condições de Produção, também é importante conhecer um pouco do enredo da HQ.

Inicialmente o enredo apresenta uma origem do mundo pela versão da cultura Yorubá e também é apresentado o universo ficcional de Contos dos Orixás. Após a origem, uma comunidade que vive as margens de um rio é atacada pela Manada, grupo de guerreiros do vilão Ajantala. Alguns moradores são capturados, outros mortos, mas o rei Larô com seus filhos fogem. Eles chegam a Oyó Ilé, a grande cidade daquele império. Após passarem por Exú, chegam ao rei Xangô para pedir auxílio.

Com apoio de sua esposa Oyá e a reprovação do seu conselho, Xangô concorda em ajudar. Com seus guerreiros, Xangô parte junto de Exú, Oyá e Larô, atravessando as encruzilhadas com as habilidades de Exú. Mas o grupo sofre um ataque, parando assim na Floresta dos Mil Espíritos, onde Iberu e Hiena, generais de Ajantala atacam o grupo. Em desvantagem o grupo é salvo quando Ogum aparece, afugentando os inimigos, mas que levam Larô e os soldados de Xangô como reféns.

---

<sup>4</sup> A entrevista com Hugo Canuto, realizada pela Rede Anísio Teixeira, na Campus Party Bahia, em 2017 pode ser acessa no link < <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=pambcXgRSjM>>

Enquanto Ogum guia o grupo para a cidade das águas, Ajantala mostra sua crueldade com os reféns e Iberu força sua filha, Ayô, a usar seus conhecimentos para fortalecer os soldados da Manada. Xangô e seu grupo finalmente chegam à cidade que buscavam, que é oculta por uma cachoeira dourada. É apresentada Oxogbô, a cidade construída sobre o rio, assim como sua rainha Oxum. Em conversa com a governante, é revelada a ambição de Ajantala: a grande fonte de Axé que aquelas águas possuem. Com o cair da noite os grupos se preparam para a batalha.

E ela chega, com a invasão da Manada pela ponte de acesso da cidade. Lutando bravamente contra os invasores, grandes batalhas entre os personagens principais se iniciam. Xangô encara Ajantala e Ogum enfrenta Iberu. Enquanto protege Oxum, Oyá, usa seus poderes sobre o vento para derrotar Hiena. Depois une seus poderes com os de Oxum e os conhecimentos de Ayô para livrar os soldados da Manada do controle mental em que estavam. Sem soldados, Ajantala é obliterado pelos poderes do trovão de Xangô. Por fim Iberu é derrotado por Ogum. Com a batalha finalizada, os antigos soldados da Manada ganham uma nova vida, e uma grande comemoração pela paz é realizada.

É a partir desse enredo que são feitas as análises tendo como foco as relações com a natureza.

#### *As relações com a natureza em Contos dos Orixás*

Qual a conexão da ciência com a natureza? Ou a relação da ciência com a ancestralidade? Ou ainda a sua relação com as questões mágicas-espirituais? Para responder essas três perguntas, é preciso primeiro saber de qual ciência está se falando. Considerando as discussões anteriores, pensar que existem outras formas de produção de conhecimento permite uma gama de respostas para esses questionamentos. Ao passo que ao considerar uma ciência hegemônica existem respostas fáceis de serem ditas.

Essa ciência hegemônica de matriz branca e europeia é a que silencia os saberes ancestrais (BARBOSA E CASSIANI, 2015), por mais que muitos de seus conhecimentos derivem deles. Ou seja, há um deslizamento de sentidos, produzidos pelos colonizadores, combinado a um discurso de silenciamento. O mágico e o espiritual não interessam à essa ciência que hoje domina o mundo. Os consideram elementos da matriz religiosa, logo fora do seu escopo. E a matriz religiosa é basicamente as religiões cristãs, que faz com que as matrizes tanto indígenas quanto afro-brasileiras sejam tratadas com preconceito e intolerância.

Por fim a sua conexão com a natureza tem muitos vieses. Primeiro que as ciências voltam seus estudos para compreender a natureza. Quando se considera o sistema comercial-industrial propagado mundialmente, a ciência torna-se um instrumento de fomento desse sistema. Assim entender os fenômenos da natureza é apenas uma forma de moldá-la ao desejo do capital.

Essas relações são explicadas pelo quarto eixo da colonialidade exposto por Walsh (2008, 2009): o do viver. Pautada num dualismo entre ser humano e natureza, ou seja, dois elementos que não fazem parte um do outro, essa colonialidade destrói relações que não seguem esse modelo. Entender a natureza como algo a parte da humanidade, facilita o processo de exploração de recursos para o bem do capital, sem uma preocupação tão grande em estar causando uma autodestruição. E os passos da preservação são lentos em comparação aos largos passos da exploração capitalista.

Com isso diversas cosmovisões são apagadas da existência, apenas por juntarem o social, o mágico, o espiritual e a vida como um todo, não apenas a humana (WALSH, 2009).

Podemos dizer que é mais um mecanismo da colonialidade a oposição entre cultura e natureza, entre ser humano e as outras criaturas, pois ela não serve para todos os povos. Muitos povos se movimentam dentro de uma outra lógica, até mesmo criando outras constituições para proteger os direitos da natureza. (TRISTÃO, 2016, p. 39)



Mas essas outras visões, ou mesmo as reflexões sobre o capitalismo exploratório não são tão eminentes na Educação em Ciências. Ainda é comum a educação ambiental com a propagação das ideias de redução de consumo e descarte pelas pessoas. De um modo geral não é considerado levar uma reflexão crítica a respeito das indústrias, agronegócio e outras fontes de grande movimento de capital, como principais agentes de exploração e destruição da natureza. Segundo Tristão (2016) “há um reconhecimento explícito no movimento educativo-ambiental de que considerar a análise das especificidades do lugar, em suas relações com a comunidade, pode trazer outras implicações ao potencial emancipatório da educação ambiental.” (p. 40). Essa forma de educação ambiental assemelha-se ao que Freire (1983) propõe ao se aproximar das comunidades:

Pois bem, quanto mais observamos as formas de comportar-se e de pensar de nossos camponeses mais parece que podemos concluir que, em certas áreas (em maior ou menor grau) eles se encontram de tal forma próximos ao mundo natural, que se sentem mais como parte dele, do que como seus transformadores. Entre eles e seu mundo natural (e também, e necessariamente, cultural) há um forte “cordão umbilical”, que os liga. Esta proximidade na qual se confundem com o mundo natural lhes dificulta a operação de “admirá-lo”, na medida em que a proximidade não lhes permite ver o “admirado” em perspectiva. (p. 19)

O que Freire explicita é o ideal de pertencimento ao mundo natural, bem diferente do entendimento da humanidade como algo a parte, como é defendido pelo capitalismo. Contos dos Orixás traz em sua essência justamente esse pertencimento à natureza que Freire defende. Desde a origem do universo contada nas primeiras páginas, até o decorrer da história percebe-se o entendimento dos personagens como integrantes da natureza. A evidência dessa relação torna-se clara ao olhar para alguns dos protagonistas. Xangô e sua relação com os trovões, Oyá e os poderes do vento e Oxum com a água, mostram uma ideia de unidade com os elementos.

Em quadrinhos é comum a representação gráfica de personagens que possuem poderes especiais de controle de elementos da natureza. Como exemplo o Thor da Marvel Comics, é o deus do trovão e domina esse elemento. Mas em Conto dos Orixás não é isso que é mostrado. Os Orixás não são mostrados como dominadores dos elementos naturais, mas sim como parte deles, interligados pela energia Axé, em uma espécie de personificação de partes da natureza.

Essa ausência de domínio pode ser vista com clareza, quando Xangô através da sua fala: “Orunmilá5 aceite minha oferenda. Aquele que contempla as tramas ocultas do destino, eu o invoco. [...] Káwó ó o kábiyèsí!!”<sup>6</sup> (CANUTO, 2018, p. 79-81), recorre a energia ancestral através desse ritual, para atingir o ápice de poder (Figura 2). Tanto esse como outros exemplos mostrados durante a batalha final, produzem os sentidos de unidade com a natureza. Esses heróis não são como os heróis das HQs estadunidenses que dominam e controlam os elementos. Os orixás são o elemento, constituem uma única existência com eles. Xangô é o próprio fogo e trovão. Oyá é o vento e Oxum as águas doces.

<sup>5</sup> Segundo o próprio autor esse termo de origem Yorubá diz respeito ao oráculo divino, que o criador do mundo usa para se manifestar para os orixás e mortais.

<sup>6</sup> Essa expressão Yorubá, é uma saudação feita a um rei.

Figura 2 – Xangô com poder máximo, unido a energia ancestral



Fonte: Canuto (2018)

Por mais que o uso dos poderes seja um destaque quando se trata da relação ser humano-natureza, essa HQ traz outros elementos que mostram um viés de se entender como parte da natureza e de respeito a ela. Um desses elementos são as cidades mostradas. As construções seguem uma outra lógica de interação com a natureza. No mundo real muito da natureza é destruído para dar lugar a edifícios, asfalto e diversas outras construções. Assim matas inteiras, rios, formações rochosas, entre outros são removidos. Usando a cidade de Oxogbô como exemplo (Figura 3), observa-se um outro tipo de construção.

Figura 3 – A cidade de Oxogbô



Fonte: Canuto (2018)

A cidade construída nas ilhas daquele rio, não destrói os fluxos d'água. Há uma

preservação do natural, valendo-se dele sem grandes alterações. As construções são feitas, aparentemente, de ouro. Como dito na HQ o ouro é abundante na região, mas os moradores não o veem como algo extremamente valioso no sentido de comércio, mas sim como seu valor por fazer parte daquela natureza. A ideia de pertencimento e preservação é reforçada ao conhecer melhor aquelas águas. Elas contêm uma grande quantidade de Axé, a energia primordial, e por causa disso a cidade existe: para que as águas sejam protegidas de exploradores. Nesse contexto o vilão Ajantala representa bem a figura do colonizador/explorador. Compreende e busca a água como um recurso para seu benefício sem importar-se sobre sua finitude.

A lógica do ser humano pertencente a natureza, pode não ser o grande destaque de Contos dos Orixás, mas inegavelmente está presente em seu enredo. Os discursos estabelecidos, mostrando o entendimento dos personagens sobre sua relação com o mundo são provas disso. Além disso prega uma ideia de pertencimento conservacionista, ao mostrar que a natureza não deve ser dobrada a vontade dos humanos. Essas demonstrações levam para um outro caminho do eixo da colonialidade do viver: as relações mágico-espirituais.

Como aponta Walsh (2008), “este eixo da colonialidade pretende acabar com toda a base da vida dos povos ancestrais, tanto indígenas como afrodescendentes.” (p. 139, tradução nossa). O mágico e espiritual são componentes essenciais para a construção desses povos, incluindo a sua identidade como ser. Quando a colonialidade atua, ela os apaga justamente para roubar a identidade desses povos, adestrá-los a um padrão de poder, e assim evitar uma multiplicidade de visões.

Diferindo da visão exploratória, as culturas tidas como ancestrais e primitivas tem uma relação de pertencimento do ser humano na natureza. Isso porque não a consideram como apenas como uma fonte de recursos a ser explorada livremente, já que muitas das suas crenças sincretiza as entidades (o mágico) com os elementos naturais. Esse é um dos motivos pelo qual Walsh (2008) critica o apagamento do mágico e espiritual da história, e inclui aqui da ciência. É uma outra forma de lidar com o mundo que não o torna apenas uma mercadoria.

Na HQ está presente na figura dos Orixás. Eles integram-se as forças da natureza, num rito de respeito mútuo. Eles se compreendem como manifestações da energia natural, o Axé. A relação com o espiritual também pode ser vista, quando Xangô consulta um sacerdote antes de partir para a batalha (Figura 4). Nessa consulta, busca-se a sabedoria das forças originárias, e entender os caminhos a serem trilhados. Ao fim, Xangô recebe relíquias, que posteriormente o conectam aos ancestrais e seus poderes são aumentados. Há um culto à natureza permeada pela ancestralidade, que os leva a ter uma outra interação com ela. O exemplo da cidade, citado acima, é uma dessas formas.



Figura 4 - Sacerdote aconselha Xangô



Fonte: Canuto (2018)

Por mais que a ciência, e a dominação capitalista queiram apagar os (re)existentes cultos ancestrais à natureza, eles resistem durante vários séculos, mesmo com todo o processo de apagamento e repressão. Eles incluem lógicas locais, de compreender como o ser humano não é algo à parte da natureza e como isso leva a um respeito ao que o cerca. E o quadrinho consegue passar essa essência de um relacionamento que a ancestralidade traz com a preservação. Além de uma crítica à exploração e a visão que a ciência industrialista tem sobre o ambiente, mesmo que essa criticidade não seja evidentemente explícita, ou mesmo proposital.

### Conclusão

As HQs, com sua linguagem dinâmica, possibilitam uma amplitude de discussões e temáticas a serem abordadas. Partindo desse princípio que buscamos mostrar as relações que uma HQ brasileira estabelece com a educação em ciências, com uma perspectiva transformadora dessa educação. Porque, assim como exposto por Barbosa e Cassiani (2015) o currículo escolar de ciências é estruturado pela colonialidade, determinando conhecimentos que são válidos ao mesmo tempo que silenciam outros. Cabe ressaltar também que essa estrutura é mantida e financiada pela lógica mercadológica-capitalista, o que influencia a forma como a relação humano-natureza está presente na educação.

Por isso a HQ aqui analisada funciona como um contraponto a tal lógica. Primeiramente ela quebra os processos de silenciamento que Orlandi (2009) explicita, já que traz discursos de uma cultura negra, que é ignorada pela ciência hegemônica branca. Mesmo no âmbito dos quadrinhos, Contos dos Orixás já traz avanços por apresentar uma história Yorubá, e não uma história negra vista da perspectiva branca.

A HQ apresenta uma relação entre humanos-natureza com um sentido de pertencimento, de unidade. Essa relação é mostrada desde a forma como a sociedade constrói suas cidades até como os personagens principais são uma unidade com os elementos da natureza, diferindo por exemplo, de tradicionais heróis que dominam e/ou controlam esses elementos. Outro destaque que cabe é como o lado mágico e espiritual é importante para a construção da sociedade apresentada na HQ, e também na forma como a relação com a natureza é construída. O viés espiritual e mágico é ignorado como forma de conhecimento, além do preconceito e violências que sofre socialmente.

A partir dessas análises é claro como as HQs constituem um importante elemento para a Educação, inclusive a Ambiental. Outro ponto essencial é a Decolonialidade Quadrinística, pois ela permite o aproveitamento da linguagem dinâmica das HQs com as discussões que a decolonialidade propõe.

Ao considerar as questões mercadológicas e como elas interferem diretamente no meio-ambiente é preciso um novo olhar para essa relação ser humano-natureza. E essa nova perspectiva precisa estar presente na educação em ciências para que se leve essa consciência para as futuras gerações. A HQ possui uma linguagem dinâmica que se relaciona facilmente com diversos públicos.

Educar é um diálogo de saberes, saberes esses de várias origens e não apenas uma. E os quadrinhos, por toda sua estrutura, possibilitam um diálogo com os leitores que são ativos na produção dos sentidos. E com a Decolonialidade Quadrinística, outros saberes, que por muito tempo foram invisibilizados, ganham destaque nos debates e discussões.

### *Referências*

- ACHINTE, Adolfo Albán. Pedagogías de la Re-Existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, Catherine (Org). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. cap. 13, p. 443-468.
- BARBOSA, Alessandro Tomaz; CASSIANI, Suzani. Efeitos de colonialidade no currículo de ciências do ensino secundário em Timor-Leste. **Revista Dynamis**, v. 21, n. 1, 2015.
- CANUTO, Hugo. **Contos dos Orixás**. 1ª ed. Salvador, BA: Selo independente, 2018.
- CASSIANI, Suzani; GIRALDI, Patricia Montanari; LINSINGEN, Irlan von. É possível propor a formação de leitores nas disciplinas de Ciências Naturais? Contribuições da análise de discurso para a educação em ciências. **Educação, teoria e prática**, v. 22, n. 40, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução Fabiana Komesu. 2ª ed. São Paulo, SP: Contexto, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Extensão e Comunicação**. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil. **VI Encontro Pesquisa em Educação Ambiental**, Ribeirão Preto – SP, 2001.
- MENESES, Maria Paula. Diálogos de saberes, debates de poderes: possibilidades metodológicas para ampliar diálogos no Sul global. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 27, n. 91, 2014.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. O que é uma educação decolonial. **Nuevamérica** (Buenos Aires), v. 149, 2016.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogía decolonial y educación anti-racista e intercultural en brasil. In: WALSH, Catherine (Org). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. cap. 8, p. 275-303.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Intepretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 8ª. ed. Campinas, SP:



Pontes, 2009.

SILVA, Janssen Felipe da; FERREIRA, Michele Guerreiro; SILVA, Delma Josefa da. Educação das relações étnico-raciais: um caminho aberto para a construção da educação intercultural crítica. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 7, n. 1, 2013.

SILVA, Nadilson M. da. Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande – MS, setembro, 2001.

TRISTÃO, Martha. Educação Ambiental e a descolonização do pensamento. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Ed. especial, 2016.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, Plurinacionalidad y Decolonialidad: las insurgências político-epistémicas de refundar el estado. **Tabula Rasa**. Bogotá – Colombia, n. 9, 2008.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des) de el in-surgir, re-existir y re-vivir. **Revista educação intercultural hoje em América Latina**. La Paz, Bolívia, 2009.

### **Kassiano Ferreira**

Licenciado em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – campus Senhor do Bonfim–BA. Mestre em Educação Científica e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou como bolsista do PIBID e posteriormente como bolsista de extensão. Possui experiência no ensino de Ciências, Física e Química. Participante do Grupos de Pesquisa Literaciências (UFSC) e História, Ciência e Cultura (UNIVASF). Os interesses de pesquisa versam sobre Histórias em Quadrinhos para o ensino

de ciências, análise de discurso e decolonialidade. E-mail: [kassiano.ferreira2@gmail.com](mailto:kassiano.ferreira2@gmail.com)

### **Patricia Montanari Giraldi**

Possui graduação, Licenciatura Plena, em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Maria (RS), mestrado e doutorado em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Lisboa. Atua na área de pesquisa e ensino em Educação em Ciências e Biologia, com foco nos seguintes temas: linguagem do/no ensino de Ciências e Biologia, implicações sociais das ciências e tecnologias e justiça social, literatura e educação em ciências, autoria, justiça social e educação em ciências. É professora Associada na Universidade Federal de Santa Catarina, vinculada ao Centro de Ciências da Educação, Departamento de Metodologia de Ensino (MEN), atuando no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Está credenciada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT), orientando mestrados e doutorados. Foi coordenadora do Projeto de Pró-Mobilidade acadêmica internacional UFSC- Universidade Nacional de Timor Lorosae entre 2015 e 2017. Coordena o projeto de Internacionalização (Print CAPES UFSC) Repositório de Práticas Interculturais. Atua como pesquisadora junto ao grupo de pesquisa DICITE (Discursos da Ciência e Tecnologia na Educação). É líder do grupo de pesquisa Literaciências. E-mail: [patriciamgiraldi@gmail.com](mailto:patriciamgiraldi@gmail.com) . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4283-1967> .

Recebido em: 5 de setembro de 2020  
Aprovado em: 1 de outubro de 2020  
Publicado em: 31 de outubro de 2020